

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 5.º

15 DE MARÇO DE 1847.

N.º 54

## O PALACIO DO DIABO.

!!(Continuação do numero antecedente.)!!

Posto que algum tanto perturbado pela estranheza da visãõ o senhor de Suis-mantium não esteve muito tempo sem adormecer — Demicrou-se poucos dias no castello, e nesses nunca se esqueceu de hir de manhã à borda do abysmo, que tragãra o seu amigo, e de orar por sua alma — Habitou-se gradualmente e por tal fórma à visita nocturna de Didgyn e à singular interpeλλαçãõ: *Estás disposto?* » que, sahindo do seu dominio para Mantua, não poude isentar-se de pensar na viuva e desejar que ella recuperasse o uso da razãõ persuadido como estava de que o pesar a endoecõera Por isso grandemente se asscubrou quando ao dar meia noite, em Guastalla, Didgyn lhe reapareceu, mas sem facho nem vestidos de fogo, ante o leito e a repetir-lhe a costumada citaçãõ, com voz mais ameaçadora.

Não poude Adalberto reprimir uma gargalhada sonora, e dos labios lhe sahio por metade a palavra — louca! — Didgyn retorquiu com uma pesada imprecacãõ, e sumiu-se promptamente.

Entretanto o conde de Mantua, que esperava o seu futuro gemo, lhe fazia preparar um quarto no palacio, de que era dono, a poucos passos da porta *Leona*, e que determinara dar em doct a sua filha. Dêre ordem a festas da cõrte e mandãra convidar para um

torneio aos senhores dos castellos e cidades circumvisinhas; em summa nada omitira para que Adalberto não tivesse que esperar muito pela satisfaçãõ do seu mais ardente desejo.

No palacio do conde de Mantua, da mesma maneira que em Guastalla, Didgyn não faltou à obrigaçãõ que de seu motu proprio havia tomado. O senhor de Suismantium a via infallivelmente todas as noites, porém desembaraçada da toga negra do Gotra: a mulher de fogo se metamorphoseãra em guerreiro mysterioso: trazia calada a viseira constantemente, um véu preto enrolado á cinta calna-lhe em grandes prêgas sobre a bainha da espada.

A pouco mais de 360 braças e ao norte da cidade de Mantua estava entrãõ situado o arrabalde de S. Jorge, onde se via o magnifico palacio de Trajano. Para alem daquelle suburbio (demolido no seculo passado) n'uma dilatada planicie teve lugar o torneio na vespera do casamento de Adalberto com Izabel condessa de Mantua. Tendo deixado que muitos dos convidados dessem provas de sua valentia e destreza, Adalberto entrou na lica: todas as senhoras olhiãõ para elle e complacientemente, porquanto formoso guerreiro era o senhor de Suismantium. Apenas havia começado o giro da estacada, eis um cavalleiro incognite toca com o ferro da lança no escudo do novo mantenedor, e salta na arena, montando um fogoso cavallo hungaro, que com ad-

miravel parecia fazia curvetejar. Adalberto bastou-lhe um relance d'olhos para reconhecer Didgyn; aproximou-se della alim de a dissuadir de seu ousado intento; mas a heroína não lhe deu tempo indo postar-se na opposta extremidade da liça: entã o mancebo, que se reputaria infamado combatendo contra uma mulher, proclamou alta voz o sexo de Didgyn e desembaraçou-se por este modo, ao menos na occasiã, da quella creatura, que desde essa hora principiou a lhe parecer menos ridicula. Ao sair do campo a viuva chegou-se do joven castellaõ e disse-lhe em tom baixo — Não se escapa ao braço da justiça! — A pertinacia e encarnecimento que mostrava na preseoução do seu designio mostravaõ-se taõ reilectidamente que de certo não podiaõ ser resultado de loucura. Dahi em diante Adalberto considerou Didgyn inimigo perigoso, mas como cavalleiro valente não se inquietava com isso.

O mancebo sahio victorioso de seis combates, e aclamado vencedor do torneio recebeu e foi corõado por mãos da rainha da belleza, que não era outra, como è hem de suppõr, senã a condessa Izabel.

O restante do dia passou-se na cidade em banquetes e festejos. Sempre junto a seu pai e à sua desposada, Adalberto sentia-se em extremo feliz. ao mesmo tempo a condessa Izabel taõ cheia de contentamento como o seu noivo, vangloriava-se de lhe haver inspirado amor taõ intenso. Milon que nas cãs manifestava vida longa e agitada, regosijava-se vendo-se reproduzido na pessoa de seu filho, que mui provavelmente seria o seu successor no senhorio de Verona; e o conde de Mantua não tendo que formar mais desejos, agora que entregara sua filha unica à

proteção de um illustre e poderoso senhor, capacitava-se de attingido o mais perfeito grão de felicidade possivel. Tudo annunciava que o dia immediato seria para a cidade de Mantua um dia de satisfação e passa-tempo; separarã-se alta noite; procurando cada qual o repouso, anhelando impacientes pelo dia que se preparara sob tão brilhantes e ledos auspicios.

Chegada porẽm a hora da cerimonia debalde esperarã pelo filho do conde de Verona; e quando, para indagar o motivo da inesperada demora, correrã ao palacio que elle habitava fóra da porta Leona, (a) acharã o cadaver do mancebo traspassado de muitas punhaladas!

O conde de Verona morreu de pena pouco de pois: Izabel sepultou a sua desesperaçã no claustro do arrabalde de S' Jorge; e o conde de Mantua permaneceu inconsolavel atè findar a existencia.

A datar d'esse dia de horrorosa memoria, no qual ao raiar d'alva fóra visto um formoso cavallo de batalha, de raça hungara, completamente arrojado fugir à desfilada sem cavalleiro aavez das campinas, ao sul da cidade, ninguem mais ousou pôr pè no palacio, que Adalberto habitara — Os que moravã na vizinhança desta casa asseveravã que da meia noite até a uma hora se levantava lá dentro um temeroso aruido: o vulgo a denominou *palazzo del diavolo*, nome que a tradiçã supersticiosa lhe tem conservado até o presente, não obstante haver sido reedificado desde os alicerces no seculo preterito, e achar-se, de ha muito engravado na mais bella rua de Mantua, dita *il corpo di porta Predella*. (b)

[a] Esta porta era situada onde agora começa a porta Predella,

[b] Esta lenda è resumida das *Recordações da Lombardia* por URBINO DA MANTOVA

## O INVOLUNTARIO ASTROLOGO

E' sabida a inclinação que os homens tem, geralmente fallando para se guiar pelas praticas supersticiosas, nas quaes esperão achar a revelação do futuro, especialmente nas coisas que dizem respeito aos interesses desta vida mesquiuha, e miseravel, que tanto dos alimentos, como de esperanças se sustenta; e se a esperança faz parte essencial da existencia, é loucura, e grande, querer penetrar o futuro onde misturados se achão tanto o mal como o bem, a felicidade, e a desgraça.

Quem pudesse com certeza conhecer o mal que lhe vem pelo caminho, mal infallivel, inevitavel, morreria de susto antes que elle chegasse, ou quando menos mataria a esperança, e ficaria meio morto. Por outro lado, se o futuro offerecessê grande ventura, murcha a esperança pela certeza da posse mais ou menos proxima dessa boa sorte, quasi todo o prazer que a esperança incerta costuma produzir, se desvaneceria tão depressa como o fumo, e o bem, permitta se-nos a expressão, nenhum sabor teria. Porém não olhemos só para o gosto, ou desconsolação relativos aos acontecimentos reputados males e bens neste mundo: é facil prever que o homem trabalhando em proporção da esperança que tem assim o infeliz, como o venturoso, na expectativa indubitavel da infelicidade, ou ventura, deixarião pender os braços, e toda a economia do genero humano ficaria aniquillada, pois

que a vida em cada um dos individuos, é uma alternativa continua de bens, e males de esperanças conseguidas, ou frustradas. Estas reflexões, são mui singelas, e parece incrivel, que se escondão aos juizos menos perspicazes; porem outras ainda mais obvias nos escapão, triste condiçã da nossa especie, composto heterogeneo de faculdades sublimes, de instinctos perversos. e nescias vontades. Tal é a origem dos oraculos, dos astrologos, advinhos ou feiticeiros. Se não houvesse este peço entre os homens, nunca semelhante genero de impostura teria apparecido no mundo, e de assento governado a maior parte delles ao ponto, que em tempos menos esclarecidos qualquer homem prudente, e de conhecimentos pouco vulgares, ainda contra sua vontade era reputado astrologo aquem por sciencia occulta o futuro se abria, patenteando-lhe o conhecimento dos casos mais miraculosos respectivos a cada um dos mortaes.

Para confirmar o que temos dito, aqui daremos aos nossos leitores um exemplo mais da credulidade ridicula que neste sentido se apossou da pobre humanidade e cuja posse conserva bem que pése á ração, em diferentes partes deste mundo subllunar. Felizmente, é acontecido em paiz estrangeiro, d'onde nos vem assim as verdadeiras luzes das boas, como as trevas de nocivas ideas; pois ou seja por falta de escriptores que nol-as transmittão, ou por que realmente ha

poucos factos dessa natureza entre nós não se conservão memorias semelhantes.

No tempo de Henrique 2.º, rei de França, vivia em Neuilly, perto de Paris na margem do rio Sena, um sabio que pretendia não ter communicação directa com o reboliço do mundo. A sua habitação era pequena, porém commoda, e agradavelmente situada. Chamava-se este philosopho Theophilo. O nosso Theophilo era estrangeiro, tinha viajado muito, e achando-se em França já no outono da idade, resolveu acabar seus dias no lugar aprisível que escolheu fóra da capital para viver em retiro e ao mesmo tempo gosar os commodos que offerecem as habitações pouco distantes das grandes capitães. A modestia dos seus gostos, não era conforme aos meios de que dispunha pois lhe não faltava riqueza; porém desprezava a ostentação, e como tinha alma verdadeiramente sensível, e religiosa as suas acções érao conformes com a devoção sincera de que dava continuas provas. Não se parecia com certos individuos, cuja pratica de mente as palavras; que tem sempre a Deos na boca, e não socorrem os pobres de Christo não se compadecem das misérias humanas, e levão com resignação exemplar as afflições do proximo.

Pensava que o luxo não faz harmonia com a caridade christã; que o orgulho se não compadecce com a compaixão; a ambição com a humildade, tão recommendadas pelo divino Protector dos infelizes. Se elle

pensava assim, e obrava em consequencia de tão nobres sentimentos, não admira que derramando em torno de si beneficios, e consolações, a pesar da sua modestia, e contra a propria vontade, atrahisse a attenção dos seus visinhos abastados, da mesma sorte, que as benções daquelles aqueim faltava o necessario.

Não heuve mingua pois, de curiosos que perguntassem quem era, donde vinha, e porque, sendo rico vivia retirado, e não procurava a companhia das pessoas com quem podia hobrear. Muitos destes para satisfazer mais directamente o empenho do o conhecer, forão procurá-lo e bem que tivesse a prudencia necessaria para se afastar do mundo não lhe faltava amenidade, e condescendencia para receber com affavel presença, os que se davão o incommodo de o visitar. Admittio pois varios sujitos á sua intimidade, e tal confiança lhes inspirou em diversas circumstancias, occorridas entre uns e outros pela sabedoria de seus conselhos, que de certa época em diante, nada emprendião sem o consultar, e recorrião sempre ao seu arbitrio, quando lhes sobrevinha alguma desavença, ainda que fosse de pequena entidade.

Como homem instruido, prudente, e experimentado; livre dos interesses que se discutião na sua presença, era provavel que acertasse nos juizos que fazia. Sabia mais do que os outros; pesava maduramente os prós, e contras das circum-

tancias; guiando-se pela recta justiça, pela sã moral e conhecimento do mundo, era natural predizer as consequencias obvias das acções ou intentos que os visinhos submetião ao seu parecer.

Porem o que é natural, e comedido, não contenta os homens. Qual de nós lá no seu fóro interno deixa de suppor-se prudente, avisado, providente, e mesmo sabio, ate certo ponto? Aquelles pois que não se havião com os proprios negocios, não se atrevião a praticar certas acções, e levar a effeito seus intentos, por que receiavão errar o alvo se gabassem de prudente, e acizado o homem que lhes dava bons conselhos, a que por si não podião atingir, expunhão ao mesmo tempo ao publico uma prova clara da sua incapacidade, e accusavão a insufficiencia do seus meios intellectuaes; era necessario por tanto, que Theophilo fosse reputado em grão mais sublime e superior em sciencia mas sciencia occulta, e maravilhosa superior á da grande maioria dos sabios, para que os outros não se envergonhassem de o consultar. Não dizemos que isto fosse resultado explicito de sentimentos e raciocinios; porem deste, ou de semelhante modo costuma o amor proprio em casos taes, disfarçar os elogios que por esse mundo se dão com justiça igual aquella, que transformou aos olhos dos insensatos o bom, e honesto ostrangeiro em astrologo, e advinho, de simples cordato, insfruido, e experiente que era. Se isso acontece ainda que seria n'um seculo de ignorancia em que as pes-

soas da mais alta jerachia, se não envergonhavaõ de seguir as illusões ridiculas de estupidas superstições? Assim Theophilo, que se dava por contente de servir e aliviar os males de seus proximos, insensivelmente se achou, sem saber como, arvorado em propheta com poderes sobrenaturaes, e sciencia universal. Quando elle deo por si, ja o caso não admittia remedio.

Devemos não obstante confessar que em todos os tempos o homem de verdadeiro merito, sem pretensões, e que sendo rico emprega a maior parte de seus bens no alivio da indigencia seus conhecimentos em desinteressados conselhos a quem o vai consultar é uma especie de prodigio digno de admiração, e os *espíritos fortes* da nossa época não darião credito á sua existencia ou lhe voltariaõ as costas com desprezo, e mofa; porém no seculo 16 um tal phenomeno despertou as idéas que mais predominavão então de sorte que a fama de suas predicções infalliveis, em breve chegou á côrte.

A rainha Maria de Medices cujo fraco era justamente a sê mais robusta nos occultos segredos, e combinações mentirosas da cabala, desejou logo ver esse homem extraordinario, para o consultar em negocios relativos á desmedida ambição de governar que toda a sua vida a consumio, e se a historia não mente foi causa de muitas desgraças.

Como Theophilo não era um chaclatão mercenario resolveo hir pessoalmente procura-lo, e apresentou-se em sua casa uma noite disfarçada por modo que não podia ser

conhecida pelas pessoas da cõrte, muito menos por quem nunca a tinha visto : introduzio-se no gabinete do philosopho christão, onde este se achava só, e depois de pedir-lhe, que dêsse ordem para que os não viessem interromper declarou quem era.

— Sou rainha de França lhe disse, e certa do teu poder venho rogar-te que me dês um talisman, cuja virtude me ponha nas circumstancias de governar o rei e o reino até ao meu ultimo instante.

Senhora respondeo Theophilo curvando-se profundamente ante a dissimulada rainha, protesto a V. M. que não sou astrologo nem adivinho; e sinto muito que enganasse a V. M. ao ponto de obriga-la a dar um passo desta natureza. Ignoro, senhora, como a fama do que não existe pode chegar ao seu conhecimento... Só se algum inimigo occulto.

— Não te faças de novas, replicou a rainha por que eu sei os prodigios que tens feito, e as predições verificadas quasi immediatamente depois que sahiraõ da tua boca; assim pede o que te lembrar em paga mas satisfaz o meu empenho.

— Como pretende V. M. que eu faça o que não sei? Estou prompto a dar-lhe o meu parecer como a qualquer outra pessoa que me consulta em seus negocios; porém um talisman para governar o rei e o reino! isso excede a possibilidade creio que de todos mas especialmente a minha. Mande V. M. e eu obedecerei sendo coiza que esteja em meu poder,

A rainha levantou-se colerica, e proferio com gesto altivo estas palavras :

— Vêr-me estrangeiro, sabes quem sou, e bastaria isso para cederes promptamente ao meu desejo, sem me comparar com qualquer; pois ja que me obrigas a fallar assim declaro-te que não venho pedir venho mandar; e repara bem no perigo a que te expões, se não cumprires sem mais contestações, as minhas ordens. Não euides que a falta de poder me traz aqui porém é me preciso, e quero conservarlo até ao meu derradeiro suspiro.

A fama da rainha havia chegado aos ouvidos de Theophilo, e as suas ameaças lhe fizeraõ muita impressão; porem as convicções religiosas do philosopho não permittiaõ que deixasse de tentar ainda os meios da persuasão.

— Grande rainha, lhe disse elle, quem ignora que em V. M. querendo, nada resiste á sua vontade?! porém dignese permittir ao seu humilde servo algumas reflexões.

— Falla.

— Senhora, eu estou intimamente convencido, que toda a sciencia cabalistica, a nigromancia, astrologia, enfim, tudo quanto se têm inventado para penetrar o futuro ou dar aos homens poderes sobrenaturaes, é fundado em pura velhacaria de uma parte, e credulidade indisculpavel da outra; porque o futuro só a Deos pertence, e só Deos tem na sua mão as leis da natureza para modifica las quando lhe aprouver.

Não é pois só loucura é sacrilegio.

— Basta! E a treves-te a chamar-me louca? . . Não só louca mas sacrilega? ! Pouco me importa, com tanto, que deixando vãos subterfugios, que mais não admitto, passes immediatamente a satisfazer o que te ordêno; quando não ainda hoje sentirás os effeitos do meu resentimento.

Vendo Theophilo que erão haldadas com tal mulher todas as considerações moraes e religiosas e que obsecada pela ambição, era capaz de commetter as maiores violencias para alcançar os seus fins, pos se a reflectir a vêr se descobria algum meio innocente do se livrar de suas importunidades perigosas; e sahindo, emfim, da sua meditação, disse á rainha:

— Está bem senhora, visto que me obriga a fazer o que não desejava, o que não podia, e a tal ponto abusa do alto estado a que a Divina Providencia a elevou dar-lhe-hei o desejado talisman; porém advirta, que para elle produzir no rei a *sympathia* necessaria, hade remetter-me huma porção de cabellos, cortados sem ella o sentir, da pessoa que tiver a V. M. o maior, mais sincero, generoso, e desinteressado affecto; com tanto que ella esteja possuida inteiramente destes sentimentos, pouco importa que seja homem ou mulher.

Pareceu á rainha mui facil de preencher aquella condição. Era mōça bella, e alem disso rainha: quantos motivos para exaltar o seu orgulho, e dar-lhe plena confiança na amizade perfeita das pessoas que se desfazião em protostos de sacrificar a vida por ella!

— Se he necessario mais, disse a rainha, posso dar-te madeixas de 4 pessoas, que me amão com as circumstancias exigidas.

— Basta huma só, respondeu Theophilo, com tanto, porem, que nunca haja pedido a V. M. hum só favor para si, seus amigos, e parentes, nem tamponco lhe tenha dito mal de seus inimigos. Estas condições são essenciaes, e sem ellas não podemos alcançar o fim.

Catharina do Medicis ficou triste quando Theophilo acrescentou estas condições áquellas que lhe pareceraõ taõ faceis no principio; porque não tinba abraogido com o pensamento a idéa completa do verdadeiro amor desinteressado.

— Pois não basta que eu te affiance a sincera amizade, e desinteresse da pessoa?

— Não, minha senhora, tudo o que exijo he absolutamente indispensavel, replicou Theophilo.

— Entãõ, disse a supersticiosa rainha entre as pessoas que me cercão, nenhuma conheço nas circumstancias de prehencher todas as condições. . Mas tratei de procurar novos amigos, e logo que houver encontrado o que exiges, voltarei.

— Mas repara bem, senhora, que a falta da menor parte relativa às qualidades apontadas, inutilisa todas as mais: e para que V. M. depois não venha accusar-me de recorrer a novos subterfugios, eis aqui escriptas as condições da pessoa que nos hade fornecer os cabellos indispensaveis á opperação.

Ditas estas palavras, chegou-se à mesa escreveu, e entregou o papel á rainha, a qual sem proferir pala-

Vra se retirou pensativa em quanto o sabio Theofilo se regosijava de a ver pelas costas pensando que impetunidades semelhantes não virião perturbar mais a sua pacifica habitação ; porem desta vez fallhou a sua providencia ; tanto he verdade que a nossa perspicacia dos homens he mais fraca nos proprios , do que nos alheis negocios.

Apezar dos meios empregados por Catharina do Médicis para visitar incognita o benefico estrangeiro, não só transpirou na côrte a sua visita secreta mas a causa della tambem e não houve pessoa supersticiosa no palacio, que o não quizes e consultar á cerca de suas esperanças. Em vão Theophilo lhes declarava que os não podia satisfazer que não tinha aprendido a ler no futuro e nem queria saber os designios secretos da Providencia : a nada attendiao,, Então disse elle consigo, vejamos se Deos quer suggerir-nos algum meio de utilisar em beneficio da humanidade, a loucura que obriga esta gente a virem consultar, visto que de nada servem as razões que tenho empregado até agora para lhe persuadir a verdade. (Continuar-se-há)



#### ASSENTOS, E CAMAS DOS ANTIGOS.

Os bancos e tamboretos foram por muito tempo os assentos mais usados, mesmo dos principes, porquanto as cadeiras são mui raras antigamente. A cama moavel, tão necessaria que

a sua falta he hoje signal da ultima indigencia, os Gregos e Romanos a tiverão por hum objecto de luxo quando trocárão as folhas e pelles sobre que responsávão os seus heroicos antepassados, pelos colchões e camas de pennas. Os leitos dos antigos são de marfim, prata, ébano ou cedro. Difficilmente encontraríamos hoje huma dessas camas onde os nossos avós dormião com suas mulheres, filhos, cães e amigos ; dormir com estes ultimos era a maior prova de estimação que se lhes podia dar : o almirante Bonnavet deu muitas vezes lugar na sua cama ao rei Francisco I.



#### IDÉA DE HUM BOM PATRIOTA E DE HUM SUEBITO FIEL.

No sanctuario hum bom patriota he hum homem que nunca levanta a sua voz para o céo sem solicitar as benções para a sua patria e para os seus concidadãos. Elle nunca apparece na sociedade senão para ensinar a obediencia e o respeito que se deve ao governo. No campo he hum homem encarregado da defeza do estado, sacrificando o seu descanso, o seu tempo e a sua mesma vida ; deixando de existir para si mesmo, elle só vive



para a sua patria e para o seu governo, de quem deve defender os interesses e a gloria,

Nos tribunaes he hum homem que se esquece de alguma sorte que he homem, para se lembrar unicamente que he magistrado. Semelhante á justiça, tendo em suas mãos huma balança e huma venda nos olhos, só deve fazer hum digno uso da autoridade que lle he confiada banindo a discordia e a divisão d'entre os povos. Em o commercio he hum homem que, trabalhando para sua fortuna, tambem trabalha para a do estado. hõra a sua patria por sua rectidão aos olhos dos seus compatriotas e dos estrangeiros, e prodigaliza seus thesouros ao seu soberano ja que não pôde como o guerreiro prodigalizar lhe o seu sangue.

Na litteratura he hum homem que longe de espalhar em seus escriptos o espirito de independencia que prepara a queda dos estados, faz conhecer ao povo quanto he feliz em viver de laixão de hum governo amado, que he o governo da lei e que combate eses escriptores que semeião maximas impias e sediciosas. Á testa de huma familia he hum homem que trata menos de elevar seus filhos para reviver a sua memoria, do que de formar cidadãos fieis e virtuosos que sejão a gloria da patria e os de-

fensores da leis e do seu soberano.

Em todas as profissões hum bom patriota, hum subdito fiel, he hum homem que desempenha com fidelidade os empregos do estado, dá o exemplo de obediencia e de zelo, concilia ao rei o amôr de todos os cidadãos. O bom patriota anima o cultivador, defende-o da oppressão dos empregados subalternos, e enxuga as lagrimas dos desgraçados.



#### ANECDOTAS.

Hum principe, que tinha perdido quasi todos os dentes, lamentava-se desta falta a hum cortezão, que os possuia excellentes; e este respondeu-lhe apresentando huma brilhante dentadura » Ah! Sr., quem ha ali, que tenha dentes, que prestem?

#### OUTRA.

Perguntando huma rainha ao seu camarista, que horas erão: respondeu-lhe As que aprouver a V. Magestade.

#### CRITICA.

Certo periodiqueiro dizendo em huma companhia, que elle distribuia a gloria hum maganão disse-lhe » Certamente e com tanta generosidade o faz o sr. que nenhuma deixa para si.»

## VIVA SAUDADE.

Hoje em suspiros  
O canto mudo

( GONSAGA. )

Zizinha, eu soffro;  
De ti ausente,  
Cruel, pungente,  
*Viva saudade.*

Fere meu peito  
D'esd'esse instante  
Dor penetrante,  
*Viva saudade.*

A'qualquer parte;  
Que os olhos lança  
Somente alcanço  
*Viva saudade.*

Se na campina  
Ancioso os fieto  
E' contra afficto  
*Viva saudade.*

Diz-me a florinha  
Bordando a relva,  
E ao longe a selva;  
*Viva saudade.*

E a perfumada  
Aua que passa  
N'alma repassa  
*Viva saudade.*

Alvo regato,  
Q'alli murmura  
Diz com brandura  
*Viva saudade.*

Sabiá terno  
Lá moduland,  
Vai me inspirand  
*Viva saudade.*

Enfim, Zizinha;  
Eu vejo em tudo  
Tormento agudo  
*Viva saudade.*

Vejo nas flores;  
Que em despedida  
Dàs-me sentida  
*Viva saudade.*

Funxo, cypreste;  
Chagas, jasmim,  
Secco alecrim,  
*Viva saudade.*

Dizem na fraz  
Da allegoria  
Mellancolia,  
*Viva saudade.*

E agora mesmo;  
Que ardente as bejo  
N'ellas só vejo  
*Viva saudade.*

Ah! se distante  
De teu agrado  
E' só meu fado  
*Viva saudade,*

Vem dar-me vida;  
Bella Zizinha,  
Matando a minha.  
*Viva saudade.*

(Ouro Preto Março de 1847)

Salomé.

## ORIGEM DOS SINOS.

A origem dos sinos não é uma indagação destituída de interesse. Prova-se pelos escriptos dos antigos que o uso dos sinos lhes era conhecido, e que elles os applicavão indifferentemente a objectos tanto profanos como sagrados. Strabão escreve que pelo toque dos sinos se annunciava a abertura das feiras. Plinio falla do tumulto de um antigo rei da Etruria, rodeado de campainhas; em Roma, a hora destinada para os banhos era annunciada pelo som de um sino, e os guardas nocturnos da cidade servião-se de uma sineta para darem seus signaes: tambem nas casas opulentas se fazia uso de sinetas para chamar os criados, e para indicar, assim como entre nós, a hora da mesa. Da mesma forma penduravão campainhas ao pescoço dos quadrupedes para afugentar os lobos, ou antes para alegrar os animaes com o seu som; e ainda hoje este costume nos recorda, como outros muitos, os usos dos tempos da mais remota antiguidade.

Muitos attribuem a invenção dos sinos aos primeiros Egypcios, os quaes se julgavão como os pais de todas as invenções; o certo é que elles ja usavão de sinos para annunciar as festas em honra do seu Deos Osiris.

Entre os Hebreos, o summo pontífice usava nas ceremonias religiosas de uma tunica guarnecida de campainhas de ouro.

Em Athenas os pontífices de Proserpina e de Cybele usavão de campainhas nos sacrificios, e tambem nos seus mysterios.

Cre-se geralmente que Paulino, bispo de Nola, que morreo no anno 431, foi o primeiro que introduzio os sinos nos officios da igreja. Um antigo historiador gaullez conta que no anno 610 o exercito de Clotario aban-

donou precipitadamente o cereo da cidade de Sens, pelo temor panico que lhe causou o som dos sinos da igreja de Santo Estevão, que Lopo, bispo de Orléans, havia mandado tocar. A menção deste facto, que se pode ter como duvidoso, prova comtudo que naquelle tempo o uso dos sinos não era muito conhecido em França.

Beda diz que a introdução dos sinos na Inglaterra data do anno 680; antes desta época a reunião dos fieis fazia-se por meio de huma matraca.

He provavel que as campainhas apparecêrão a primeira vez nas procissões religiosas, e que depois os musicos as empregárão nos diversos generos de divertimentos publicos. Nem sempre estas campainhas tocavão com badalos; algumas vezes vião-se suspensas em huma especie de velador onde as tocavão com martellos.

Ingulpho, abbade de Croylande na Grã-Bretanha, que morreu em 1109, refere que a sua abbadia possuia seis sinos de diversos tamanhos, e delles louvava a harmonia e citava os seus nomes. Daqui he que começárão os carrilhões, que depois se espalhárão por toda os paizes, principalmente na Flandres e na Belgica, onde são muito gerães. Quasi sempre se punha nos mosteiros hum anel de brønze ou de prata no fim da corda dos sinos, para commodidade do sinciro (Kloeman), e d'antès os mesmos padres he que exercião este officio; depois o deixárão para os leigos, e algumas vezes a homens incapazes de outras funcões, assim como cegos e surdos, os quaes se iniciavão para os differentes toques, segundo o rito das festas. Os escriptores antigos contávão seis differentes sinos, a saber: 1.º, *Squilla*, cujo toque servia para chamar os monges ao refeitório; 2.º, *Cymballum*, para o claustro; 3.º, *Nolla*, para o còro; 4.º, *Nonula*, para annunciar as horas; 5.º, *Campana*, para convidar os fieis aos officios divinos; 6.º,

*Signum*, para dar os signaes de rebate.

O uso de dobrar os sinos pelos mortos tinha dous motivos: hum era para advertir aos christãos que rogassem pelo seu irmão defunto, o outro tirava a sua origem da crença supersticiosa que attribuia ao som do sino o poder de affugentar os máos espiritos que suppunhão vagar á roda do leito e da habitação dos agonisantes.

A benção dos sinos sobe ao seculo X, e o primeiro que deu hum semelhante exemplo foi o papa João XIII, no anno 969, consagrando em Roma o grande sino da igreja de S. João de Latrão, ao qual deu o nome de João. Outros lhe dão hum principio mais alto, datando-o do seculo VII; Carlos Magno prohibio esta cerimonia por huma lei que inserio nas suas capitulares. Apesar desta lei, a cerimonia da benção dos sinos continuou a praticar-se. Ao principio só os bispos he que a fazião, mas pelo tempo adiante derão este cargo a seus delegados e aos curas.

Os Turcos não usam de sinos nas suas mesquitas, mas os Chinas os tem em suas torres e templos. Em Nankin e Pekin ha sinos maiores que em parte alguma da Europa; porém o som delles não he tão agradável como o dos nossos.

## ΔΠΟΛΟΓΟ

### ○ RATO, E A BORBOLETA.

O ratinho, e a borboleta  
 Certa noite se ajuntarão  
 E depois dos cumprimentos,  
 Largo tempo conversarão:  
 Entrou o rato a narrar-lhe  
 O modo do seu viver  
 Dizendo, *muito me custa*  
*O grangear que comer!*

Cuidadoso, e acautelado  
 As casas de noite rondo,  
 Busco os quartos mais escuros,  
 E a salvo nelles me escondo:  
 N'uma despensa, ou armario,  
 Vou roendo pouco a pouco  
 Que de grandes fartadellas  
 Vejo morrer muito louco:  
 De um salto, que dou, me occulto,  
 Para de ninguem ser visto;  
 Que andar nos olhos de todos,  
 Pôde-me fazer malquisto:  
 Alli não temo algum perigo,  
 Haja na casa o que houver,  
 Se vejo o caso apertado,  
 Na toca me vou metter.  
 Só armada a ratoeira,  
 Ou gatinha leve, e esperta,  
 Pilhando-me descuidado,  
 Isso então é morte certa:  
 Attendeu a borboleta  
 Tudo, que lhe disse o rato,  
 Mas depois de tudo cuvido,  
 O tratou de mentecapto:  
 E logo d'elle mofando,  
 Respondeu, és desgraçado!  
 Levando tão triste a vida  
 Pelos cantos encerrado  
 Eu é que vivo gostosa,  
 Tenho em toda a parte entrada,  
 O meu regalo é voar  
 N'uma casa illuminada:  
 Toda a gente me faz festas,  
 E por me verem melhor,  
 Me vou pôr ao pé das luzes  
 Dando voltas ao redor:  
 Não gosto da escuridão,  
 Por hir as luzes forcejo!

*N'um lustre de vinte lumes  
 He onde melhor adejo :  
 Revoando pelas casas ,  
 Subo ao mais alto lugar ,  
 Giro de um a outro lado ,  
 Sem ninguem me molestar :  
 E pois , que naquella sala  
 Luzes se vão accender ,  
 Observa agora daqui  
 A vista que vou fazer :  
 Foi a pobre infatuada ,  
 A's azas dando contente ,  
 E com valor destemido ,  
 Rompendo por entre a gente :  
 Foi-se a um lustre de dez lumes ,  
 Entre as luzes se metteo ,  
 Tanto esvoaçou entre ellas ,  
 Que se queimou e morreu :  
 O ratinho lá de longe ,  
 Bem vio o infeliz successo ,  
 E disse , este meu retiro  
 Em que vivo , não tem preço ,  
 A luz de longe alumia ,  
 Muitas nos olhos mais cegão  
 E os que mais nellas se entranhão ,  
 Ao precipicio se chegão :  
 A teima da boiboleia  
 Nos grita limite , e modo ,  
 Não vão buscar tantas luzes ,  
 Que podem cegar de todo .*



O Logrogrifho anagrammatico transcripto em o numero antecedente exprime a palavra — Amor —

Observadas as qualidades das madamas nos excessos, com que se portão, vem justamente a cahirem em alguns vícios, ainda que leves, porém reprehensíveis para sua lição.

Qualidades.	Vícios.	Premios.
A seria degenera . . . . .	em <i>Sobria</i> . . . . .	e todos della se separão.
A recatada . . . . .	em <i>Arisca</i> . . . . .	e é aborrecida.
A risonha . . . . .	em <i>Pácal</i> . . . . .	e recebe ópios.
A esperta . . . . .	em <i>Doula</i> . . . . .	e perde o merecimento.
A caçada . . . . .	em <i>Sousa</i> . . . . .	e ninguém se fia della.
A curiosa . . . . .	em <i>Murmuradora</i> . . . . .	e entraga meio mundo.
A isenta . . . . .	em <i>Affectada</i> . . . . .	e tudo a offende.
A vaidosa . . . . .	em <i>Louca</i> . . . . .	e casi sempre mal.
A falladora . . . . .	em <i>Desacertada</i> . . . . .	e è relógio de repetição.
A medrosa . . . . .	em <i>Molle</i> . . . . .	e è inimiga do trabalho.
A recolhida . . . . .	em <i>Bisouha</i> . . . . .	e tudo lhe parece mal.
A que apparece . . . . .	em <i>Corriqueira</i> . . . . .	e não se conceitua bem.
A de modas . . . . .	em <i>Apetosa</i> . . . . .	e è uma estragada.
A discreta . . . . .	em <i>Abelinda</i> . . . . .	e tem genio allivo.
A ciusa . . . . .	em <i>Atrevida</i> . . . . .	e è verdugo do si mesma.
A frenetica . . . . .	em <i>Teimosa</i> . . . . .	e arruina muita gente.
A prendada . . . . .	em <i>Presumida</i> . . . . .	e anda sempre no ar.
A grave . . . . .	em <i>Desconfada</i> . . . . .	e quasi que veri so.
A economica . . . . .	em <i>Lucejosa</i> . . . . .	e tem pouca fortuna.
A valerosa . . . . .	em <i>Aggravada</i> . . . . .	e obra desacertos.
A de genio secco . . . . .	em <i>Desagradavel</i> . . . . .	e è falta de juizo.
A que afficta doencas . . . . .	em <i>Impertinente</i> . . . . .	e anda sempre contrafeita.
A muito amante . . . . .	em <i>Desesperada</i> . . . . .	e anda em labyrintho.
A enxovalhada . . . . .	em <i>Perdida</i> . . . . .	e nunca tem governo.
A que se lhe dá de tudo . . . . .	em <i>Melindrosa</i> . . . . .	e è flagello de todos.
A que de nada se lhe dá . . . . .	em <i>Má creação</i> . . . . .	e soffre mil testemunhos.
A que presume de sã . . . . .	em <i>Resolida</i> . . . . .	e n'uma hora lhe cahe a casa
A que trabalha muito . . . . .	em <i>Avarenta</i> . . . . .	e tanto faz como desfaz.
A que não trabalha . . . . .	em <i>Preguçosa</i> . . . . .	e è um raio da família.

A toda aquella , que buscar a n. chamma nestas qual dades , ninguem terá que dizer.

